

A ONU CONTRIBUIU PARA A COEXISTÊNCIA PACÍFICA

A sessão da Assembleia Geral da ONU, encerrada segunda-feira última, 14 de dezembro, decorreu sob o signo do alívio da tensão internacional. Seus resultados concretos imediatos não foram grandes. Refletiram ao mesmo tempo a tendência à eliminação da guerra, como meio de resolver os problemas internacionais pendentes, e as fortes resistências que certos círculos reacionários ainda opõem à coexistência pacífica.

Mas a principal característica da recém-finda Assembleia da ONU, foi o caráter de iniciativas que vêm complementar sua missão básica: a manutenção e o fortalecimento da paz. Pode-se dizer que a Assembleia da ONU soube de seus marcos e, na prática, continuará através de Comissões, como a do desarmamento, e da do espaço sideral, além de outras.

A CHINA

Os adversários da coexistência pacífica, os proponentes do prosseguimento da guerra fria, ainda conseguiram obter a consecução de acordos e entendimentos favoráveis à paz mundial.

A nova Assembleia Geral da ONU rejeitou, mais uma vez, a admissão da China na Organização das Nações Unidas. Quer dizer, uma nação de mais de 600 milhões de habitantes não participa do debate de problemas que interessam a todos os povos nem de sua solução. É uma situação que não poderá prolongar-se indefinidamente se se quer de fato resolver problemas como o desarmamento, da proibição dos armas atômicas e outros. A China transformou-se numa grande potência e não pode mais ser ignorada no cenário internacional. Mas a Assembleia da ONU, por culpa exclusiva dos Estados Unidos, manteve a velha e anacrônica política de boicote da República Popular da China, por não admitir ao povo chinês o direito de escolher livremente o regime que lhe interessa.

mento da guerra fria, ainda conseguiram obter a consecução de acordos e entendimentos favoráveis à paz mundial.

ARGÉLIA

Outra questão internacional importante permaneceu no impasse anterior: a da Argélia. O projeto de resolução apresentado pelos países do Asia e África recomendando às duas partes (França e Argélia) conversações para a cessação das hostilidades, encontrou a barreira formada pelas potências coloniais e mais os que sempre acompanham os Estados Unidos, Brasil, inclusive.

O projeto afro-asiático recomendava à Assembleia Geral: «Convidar as partes interessadas a entrar em conversações para determinar as condições necessárias à aplicação, desde que possível, do direito à autodeterminação ao povo argelino, inclusive as condições para cessar fogo».

A vontade dos imperialistas ainda prevalece neste caso.

HUNGRIA

Por iniciativa da delegação americana, a ONU interveio mais uma vez nos assuntos internos da Hungria, embora este país seja membro da ONU e repita enérgicamente essa inadmissível intromissão. Mas uma resolução foi aprovada conclamando à retirada das tropas soviéticas daquele país, onde essas tropas se encontram de conformidade com um acordo

internacional, da mesma forma que tropas americanas se encontram na Inglaterra e outros países. Com uma diferença apenas: as tropas americanas estão a milhares de milhas das fronteiras dos Estados Unidos, enquanto as tropas soviéticas, segundo o Tratado defensivo de Varsóvia, estão junto às suas fronteiras, por várias vezes cruzadas pelos agressores imperialistas.

DERROTA AMERICANA

Ao iniciar-se o funcionamento da ONU, em 1946, os Estados Unidos conseguiram impor, com o voto maciço da América Latina, todas as suas vontades. As coisas se modificaram neste sentido. Na Assembleia Geral que acaba de encerrar-se, deveria preencher-se uma vaga no Conselho de Segurança. Essa vaga, por um acordo de cavalheiros existente desde o início da ONU, deveria caber a um país do Leste da Europa. Foi apresentada a candidatura da Polónia. A ela opuseram os Estados Unidos a candidatura da Turquia. Realizaram-se mais de 50 votações, e nenhuma das duas candidaturas teve o número de votos exigido pelo regimento interno da ONU. Fáz-se um

acordo extra-regimental: a Polónia ocupará o lugar no Conselho em 1960 e a Turquia em 1961.

Ai está um reflexo da mudança na relação de forças no âmbito internacional, contra os que pretendiam ditar a seu talento o rumo dos acontecimentos.

O DESARMA-MENTO

A questão do desarmamento mundial ocupou o primeiro plano na Assembleia da ONU. Foi suscitada mais uma vez pela delegação da União Soviética, com a presença na sede da ONU do Presidente do Conselho de Ministros da URSS, Kruschiov, quando de sua visita aos Estados Unidos, em setembro. A proposta de Kruschiov foi a mais completa até hoje feita sobre o desarmamento universal e completo. Obteve praticamente o reconhecimento de todos os povos. A Assembleia Geral tomou uma decisão sensata: designou uma comissão internacional para discutir o importante problema.

USO PACÍFICO DO ESPAÇO SIDERAL

De acordo com o princípio da política de coexistência pacífica, a Assembleia Geral da ONU adotou um projeto de resolução apresentado pela URSS, Estados Unidos, França, Inglaterra e outros países, para o uso pacífico dos espaços interplanetários.

É um projeto que corresponde à nova época em que vivemos — o da conquista dos espaços siderais pelo homem, que já atingiu a Lua com seus foguetes teleguiados. É mais um terreno comum para a colaboração internacional em proveito da paz. O domínio dos espaços pode decidir a sorte de uma guerra, se por desgraça ela flagrasse hoje. A unanimidade com que a Assembleia Geral da ONU aprovou o acordo sobre o uso pacífico dos espaços interplanetários, é uma demonstração das possibilidades de entendimento completo para acabar de uma vez por todas com as guerras e empenhar os esforços

conjuntos das Nações pelo progresso da humanidade.

Em resumo, o Assembleia Geral da ONU desempenhou, no essencial, um papel positivo em favor da coexistência pacífica, não obstante as resistências ainda notáveis no seio da própria ONU.

Foi uma Assembleia que refletiu o novo espírito de substituir as soluções pela força, pelas soluções pacíficas, mediante entendimentos. Para os resultados alcançados — que não são muitos — já são animadores — influíram decisivamente a viagem do Vice-Primeiro Ministro soviético Mikolai aos Estados Unidos, em janeiro, a posterior vinda de Koslov, outro estadista soviético, à América, e, finalmente, correndo os esforços pela paz, a visita do Presidente do Conselho de Ministros da URSS, Kruschiov, e suas conferências de Camp David com Eisenhower.

Que estes esforços continuem a dar seus frutos — é o que desejam todos os povos.

CRÔNICA INTERNACIONAL

OUTRO FRACASSO DA REAÇÃO

Decepcionaram-se amargamente os que esperavam da visita do Presidente Eisenhower à Índia uma declaração conjunta indo-americana contra a China. Embora permanença o impasse na questão da fronteira contenciosa entre os dois grandes países asiáticos, o Primeiro-Ministro Nehru não se prestou à manobra antichinesa pretendida pela reação mundial. Ao contrário, na declaração conjunta sobre a visita de Eisenhower à Índia, o chefe do governo indiano reafirma textualmente que seu país «permanece inquebrantável em sua convicção de que as divergências entre as nações devem ser solucionadas pacificamente, por meio de negociações e do entendimento, e não pelo recurso à força».

Na presença dos representantes de 46 Partidos Comunistas e Operários, Janos Kadar expôs, perante o VII Congresso do Partido Socialista Operário Húngaro, a situação atual da Hungria. Ferenc Munkacsy, presidente do Conselho, presidiu a primeira reunião, tendo a seu lado, na primeira fila, Kruschiov, Tsai Sen Lin, secretário do Partido Comunista Chinês, Jacques Duclos, secretário do Partido Comunista Francês, e Walter Ulbricht, primeiro secretário do Partido Socialista Unificado da Alemanha.

Era a primeira vez que o Partido húngaro se reunia em congresso, após a tentativa de contra-revolução de 23 de outubro de 1956.

Ainda por muito tempo — afirma Kadar sob aplausos — o Partido deverá ter em mente todos os ensinamentos e todas as experiências do levante contra-revolucionário. Podemos afirmar, porém, quanto à própria contra-revolução, que sua derrota é total em todos os sentidos e que só pertence ao passado.

Amanhã...

A contra-revolução causou grandes prejuízos à economia húngara e as ruas de Budapeste o comprovam pela reconstrução dos imóveis destruídos e pelas fachadas que revelam estragos já reparados. No entanto, a situação já estava normalizada em fins de 1957. E, no corrente ano, o aumento da produção industrial, a uma progressão de 12%, é do mesmo ritmo e mesmo um pouco mais elevada do que na União Soviética. De hoje até fins de 1965 o plano prevê um aumento mínimo de 65 a 70% da produção industrial em relação a 1958. Uma vez que o conjunto da produção do campo socialista deve ultrapassar,

KADAR NO VII CONGRESSO:

5.000 Fugitivos Húngaros No Exército Americano



Janos Kadar, primeiro-secretário do Partido Operário Socialista Húngaro.

naquele ano, a dos países capitalistas, a Hungria contribuirá com sua parte para essa vitória, cujas consequências políticas serão consideráveis.

O QUE HOUVE

É, portanto, como representante de um país consciente de sua coesão e de sua força, que Kadar analisa os acontecimentos de 1956.

Voltando-se contra o poder da classe operária, o Estado popular e as conquistas socialistas do povo húngaro, a sublevação foi, por essa mesma razão, de caráter contra-revolucionário e burguês.

próprios limites da felonis. Deu uma máscara de legalidade ao conjunto das forças camufladas da contra-revolução. Com a boca cheia das palavras socialismo, democracia, liberdade e revolução, as forças contra-revolucionárias se lançaram ao assalto contra as instituições populares e assassinaram centenas de comunistas e democratas fiéis ao povo e à liberdade.

3. A classe constituída pelos antigos senhores de terra e capitalistas se reorganizou para restaurar o sistema capitalista e fascista.

4. A principal força da contra-revolução foi o imperialismo e, em primeiro lugar, os reacionários dos Estados Unidos. (Cerca de 5.000 fugitivos húngaros ainda estão hoje alistados no exército americano.)

AGORA ESTAMOS MAIS FORTES

O poder popular está, hoje, mais forte do que antes do levante contra-revolucionário. Corrigiu os erros. O Partido se livrou de tudo o que sujara sua pura bandeira, o culto à personalidade e a vergonha da traição revisionista.

Novos métodos estão sendo empregados no campo. O sistema das entregas obrigatórias de produtos agrícolas foi substituído, em fins de 1957, por compras realizadas pelo Estado a preços favoráveis aos camponeses. Atualmente, 51% das terras cultivadas são administradas por cooperativas ou por empresas estatais. Teremos, doravante, como tarefa decisiva, rematar a transformação socialista da agricultura. É necessário, porém, que nos dirijamos aos camponeses como a irmãos, e com tato, paciência e humanidade.

A LUTA EM DUAS FRENTE

O Partido está renovado,

agrupa, hoje, mais de 400.000 membros e luta em duas frentes: contra o revisionismo e contra o dogmatismo. Na Hungria, assim como em plano internacional, o desvio mais perigoso é o revisionismo, que falsifica as teses básicas do marxismo, nega o papel dirigente do Partido, o da ditadura do proletariado, a importância do campo socialista e termina na traição. No entanto, o dogmatismo é também capaz — Kadar o demonstra — de causar grandes males ao Partido da classe operária. Combatendo-o, o Comitê Central restabeleceu a democracia interna e reabilitou todos os que Rakosi e seu grupo haviam injustamente difamado.

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragmom Borges
REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardi.

MAYERIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, 5/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar, 5/805
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral . . . " 130,00
Trimestral . . . " 70,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte
N. avulso Cr\$ 5,00
N. atrasado . . . " 8,00

RUI FACÓ